

JUVENTUDE E VELHICE: MIMNERMO

TEODORO RENNÓ ASSUNÇÃO

*Departamento de Filosofia
Universidade Federal de Minas Gerais*

1. Polaridade

Encontramos ainda em Mimnermo traços de uma representação da velhice como entidade objetivada, de certo modo externa ao homem. Em 2W ela é um monstro mortífero, uma sombria Quer (que está posta junto da juventude), em 1W ela “sobrevém dolorosa” e em 5W “penosa e disforme ela está suspensa sobre a cabeça”. Este modo de representação, encontrável também em Homero, não é porém único. Ele subsiste ao lado de descrições da velhice em que esta não poderia ser alegoricamente abstraída de situações humanas (1W, 7 a 9; 2W, 11 a 15). A convivência do alegórico-abstrato com o concreto pode ser índice de uma transição, mas é ainda uma característica possível do pensamento arcaico, que admite a ambigüidade e não opera com uma lógica dualista da exclusão. De qualquer maneira, em nenhum momento a juventude é representada como um ente.

O que aproxima este modo de representação do de Homero é antes a organização da juventude e da velhice como dois campos de forças em tudo opostos e entre os quais não será possível qualquer intercâmbio mas apenas uma transição irreversível. Essa transição é inevitável, pois aqui um oposto se converte no outro, contrariamente ao que ocorre por exemplo na oposição entre os sexos. Não obstante, a polaridade alinhará uma série de características opostas nos dois campos, tais como as tábuas de opostos do pensamento dualista primitivo, cuja aplicação ao pensamento grego arcaico foi intuída com reservas por Lloyd em *Polarity and analogy* e desenvolvida de modo integrado em Homero por N. Austin em “Unity in multiplicity”. Em Mimnermo não será espacial o critério inicial de oposição dos pólos, nem religioso, tal como

nas díades “direito/esquerdo”, “sacro/profano” propostas por R. Hertz em seu trabalho pioneiro. Ele é temporal e se organiza em torno da noção de **ὥρα** concebida não como uma particular estação do ano mas como “momento em que uma variedade de coisas funciona em uníssono”, como “conjunção de vários processos em um momento singular”¹. Na perspectiva do indivíduo humano a **ὥρα** é uma fase da vida, na da natureza (que ecoa no grande símile inicial de 2W), uma estação. E na dualidade polar encontramos as fases juventude/velhice associadas respectivamente às estações primavera/outono (se bem que este quarto termo dos dois pares não seja explicitado em Mimnermo).

Sem que nos detenhamos em como funciona em cada fragmento de Mimnermo esta oposição, podemos no conjunto da obra alinhar a partir do par fundamental juventude/velhice os seguintes termos opostos: o prazer e a dor; o amor e a desconsideração (ou o ódio); a luz e a escuridão; a vida e a morte; a beleza e a feiúra; a despreocupação e as preocupações. Primeiramente, ao prazer da juventude (**τερπνόν** 1W, 1; **τέρπεται** 1W, 8; **τερπόμεθα** 2W, 4) será oposta a dor, característica mais marcada da velhice (cinco ocorrências do adjetivo **ἀργαλέος**: 1W, 10; 2W, 6; 4W, 2; 5W, 1 e duas de **ὀδυνηρός**: 1W, 5 e 2W, 12).

Ao amor, descrito rapidamente na primeira metade de 1w e em especial no verso 3, serão opostos o ódio (**εχθρός**: 1W, 9; 5W, 7 e **οὔτε φίλος**: 3W, 2) e a desconsideração (**ἀτίμαστος**: 1W, 9; **οὐδὲ τίμιος**: 3W, 2; **ἄτιμον**: 5W, 7). À luz, ou do brilho do ouro ou a que é associada ao sol, fonte de vida (**χρυσῆς**: 1W, 1; **αὐγὰς ἡελίου**: 1W, 8; **αὐγῆς ἡελίου** e **ἥλιος**: 2W, 2 e 8), será oposta a escuridão (**κῆρες μέλαιναι**: 2W, 5). À beleza (**κάλλιστος**: 3W, 1), a feiúra e o disforme (**αἰσχρόν**: 1W, 6; **ἄμορφον**: 5W, 5). E à inconsciência ou despreocupação (**εἰδὸς τες οὔτε κακὸν οὔτ’ ἀγαθόν**: 2W, 4 e 5), as preocupações (**μέριμναι**: 1W, 7; **μελεδωνέον**: 6W, 1).

Mas assim como falta a comparação da velhice com o outono, assim também alguns termos da velhice terão os seus opostos da juventude vacantes. Os principais são a pobreza e a doença. É curioso destacar ainda a frieza associada à morte (**ρύγιον**: 4W, 2), à qual opor-se-ia o calor da vida, numa inferência a partir da temperatura dos animais.

O que essa múltipla oposição, organizada segundo o par juventude/

¹ AUSTIN, 1982. p. 88, 105.

velhice, coloca em evidência é a integridade fechada de cada pólo e a coerência do critério sinalizador: positivo para a juventude e negativo para a velhice. A única característica negativa da juventude, bastante todavia para ameaçar o seu ser, é a fugacidade. E é pela negatividade total da velhice que percebemos em Mimnermo a completa ausência de uma dimensão construtiva do tempo. Nada que indique como no Nestor homérico a aquisição de sabedoria como compensação para a perda do vigor. Nem, por outro lado, nenhuma crítica à precipitação ou falta de prudência características do jovem, tal como sugerida no Antíloco do canto 23 da *Ilíada*; ou, ainda, nenhuma referência à frivolidade e capacidade de ilusão juvenis, tal como em Simônides 8W. Não há, portanto, em Mimnermo nem a ponderação encontrável em Homero, nem a negatividade absoluta de Simônides 8W. Os seus dois pólos funcionam em irreduzível e perfeita oposição.

Uma polaridade menor e discreta tem sido vista pelos comentadores entre a visão da velhice de 1W e a de 2W. As três características de cada descrição podem ser resumidas assim: 1W: 1) angústias desgastantes, 2) perda do prazer na vida, 3) desprezo por rapazes e mulheres; 2W: 1) perda dos bens e pobreza, 2) falta de filhos (isto é, de herdeiros e de cuidados), 3) doença que destrói a vontade. H. Fränkel considera “objetivos” os “três exemplos de infelicidade” em 2w², R. Schmiel os considera “mais mundanos talvez, mas mais tangíveis”³ que as características do primeiro. Estas seriam “subjetivas” ou “internas” em contraste com o caráter “objetivo” ou “externo” da velhice em 2W. A concretude deste último seria segundo R. Schmiel signo do ponto de vista da velhice, enquanto o ponto de vista da juventude estaria marcado em 1W pela negação do positivo, isto é, dos prazeres juvenis. Mas se é admissível a presença aqui de uma nuance de oposição, devemos observar que a natureza dessa oposição não é a exclusão e sim a complementaridade e que a objetividade dos três exemplos de 2W afeta diretamente o *θυμός*, o órgão da vitalidade e da vontade empreendedora.

A negatividade total da velhice terá sua formulação mais radical no fragmento 4W, quando ela é dita “mais gelada (*ψίγιον*) ainda do que a morte penosa”. No entanto, segundo sugere Lloyd⁴, assim como para os gregos arcaicos o calor estava associado não apenas à própria vida mas também a

² FRÄNKEL, 1975. p. 210.

³ SCHMIEL, 1974. p. 289.

⁴ LLOYD, 1966. p. 44-45.

emoções como a alegria, assim o frio, inversamente, estava associado não só à morte mas ainda a emoções como o medo. Podemos portanto ler *πίλιον* como “mais pavorosa”. Leitura justificada pela alusão ao mito de Títono, a quem é dada por Zeus, a instâncias de Aurora, a imortalidade mas sem o dom complementar da juventude. Terror: velhice eterna, figurada na versão do *Hino a Afrodite* (218 a 238) como incapacidade para movimentar os membros, e logo a imobilidade e o abandono em um quarto, onde tragicomicamente sua “voz escorre infinita”. A palavra do velho aqui, contrariamente ao que ocorre em Homero, não tem valor algum e é apenas signo de uma vida esmaecida e absurda.

À representação inteiramente negativa da velhice está pois associado em Mímnermo o desejo de morte. Em 1W o poeta deseja estar morto quando as coisas de Afrodite, cerne da juventude, não mais o interessarem. Em 2W o poeta diz que “depois que passa este fim da estação (da juventude), de imediato estar morto é melhor do que a vida”. Devemos observar primeiramente que o desejo de morte nunca é absoluto mas sempre circunstanciado pela fatalidade da velhice e, ainda, que o extremismo desse desejo parece traduzir ao avesso o desespero pela perda da juventude e a intensidade do amor a esta. Em segundo lugar viria a observação de que a expressão desse desejo jamais vem acompanhada de alguma referência concreta ao suicídio.

Por outro lado é estranho pensar que, mesmo dando forma à experiência nostálgica própria à perspectiva temporal do indivíduo, Mímnermo possa estar aderindo *inconscientemente* à lógica brutal da espécie: manter-se viva. Pois o desprezo e o horror à velhice coincidem de certo modo com a perda, do ponto de vista da espécie, das duas funções essenciais: gerar e cuidar do filho até que este possa gerar... E o fascínio intenso pela juventude e pelo prazer amoroso faria o mesmo jogo da espécie. Pois a juventude (e a maturidade) é o período propício para a geração, e o prazer amoroso, o meio de sedução fatal utilizado pela espécie para se reproduzir. E também a beleza que caracteriza a juventude, segundo essa impiedosa razão biológica, seria apenas funcional. A feiúra, a perda de energia seriam ao contrário signos da necessidade de um próximo desaparecimento. Desejar morrer quando velho é mais um movimento que confirma a adesão inconsciente a essa lógica. Esse desejo é como o de uma aceleração do processo vital, visando hedonisticamente queimar a inútil e dolorosa fase terminal do indivíduo humano vivo. Ao fundo parece ressoar discreto o Sweeney de T. S. Eliot:

“Birth, and copulation, and death,
That’s all, that’s all...”

Seria preciso, no entanto, tentarmos definir melhor “este fim da estação”, ou este momento em que o amor deixa de interessar, para não cairmos, por falta de clareza quanto ao significado cronológico de juventude em Mimnermo, no anacronismo de lermos neste poeta a proposta de uma morte aos trinta ou quarenta anos. Pois é ele mesmo quem no frag. 6W deseja que “sem doenças e sem preocupações dolorosas com sessenta anos o destino de morte me atinja”. O próprio poeta considera então possível chegar aos sessenta sem aquelas marcas características da velhice: doenças e preocupações. Seriam os sessenta anos para ele um limite último para a “juventude”? Não há nisso nada de absurdo se, não mais preocupados com os números medidos segundo conceitos contemporâneos de idade, tentarmos precisar o conceito grego arcaico de ἦβη tal como o fez C. M. Tazelaar: “É o período em que a força corporal é completamente desenvolvida, em que um homem pode ser um soldado, e em que ele goza a vida; é o período antes da velhice”⁵. Este mesmo autor aliás lembra que entre os espartanos os ἠβῶντες, os “que estão em plena força física”, podem ser considerados como cobrindo a idade que vai dos vinte aos sessenta anos, isto é, a idade do serviço militar⁶. Nesta acepção larga a ἦβη engloba o período que chamaríamos de “maturidade” e que os gregos chamam de ἀκμῆ. Devemos apenas salientar que para Mimnermo o critério de divisão de idades não é, como para Homero ou para os espartanos, a capacidade de lutar e sim a capacidade de gozar o amor. É assim tão estranho que um homem com seus cinquenta ou cinquenta e cinco anos ainda seja plenamente capaz de gozar os dons de Afrodite?

2. A Transição

Mimnermo certamente não representa as diversas transições internas da juventude e da velhice, como por exemplo faz Sólon ao subdividir a vida em dez fases de sete anos, nem postula uma contínua e irrefreável transição que faria das duas grandes fases apenas marcos grosseiros. Apesar da sugestão de processo e de uma temporalidade própria a cada uma das duas fases por meio dos verbos e advérbios, ele se move ainda no quadro arcaico do dualismo

⁵ TAZELAAR, 1967. p. 144.

⁶ TAZELAAR, 1967. p. 150.

e da polaridade. Mas seria interessante observar o modo como ele descreve a transição de uma para outra. Ele tem algo de formular, pela presença recorrente do *ἐπεὶ* (“depois que”, “uma vez que”) em 1W, em 2W e em 3W com a adição da partícula *ἄν*. E é mesmo uma fórmula, reduzida em 3W: “depois que passa a estação”, e ampliada em 2W: “depois que passa este fim da estação”. O valor desta subordinada temporal será precisado pela principal. Em 1W: “depois que sobrevier penosa velhice (...), *sempre* no senso o desgastam angústias ruins”. Em 2W: “depois que passa este fim da estação, *de imediato* estar morto é melhor do que a vida”. Os advérbios que grifamos apontam para a insolubilidade da situação de ser velho. É como se ouvíssemos um “não tem jeito”. O “depois que” marca portanto uma transição sem retorno. O sentido é um só: da juventude para a velhice. E uma vez chegada esta, o indivíduo está arruinado.

Essa sucessão irreversível parece mais nitidamente delineada pela introdução não mais de uma fase mas de seu próprio termo ou fim: a morte. Que figura junto com a velhice como uma divindade maligna, uma das Queres negras. Essa representação traz como resquício mitológico uma possível associação com monstros femininos “como Górgonas, Sereias, Harpias e a Esfinge, todas as quais trazem a morte”⁷. Mas, tal como nas duas Queres de Aquiles preditas por Tétis (*Il.* 9, 410ss: morte em Tróia e glória imortal/retorno à pátria e vida longa e anônima), há aqui um forte índice de abstração e a Quer significa antes: destino, fado. Bem observa Bowra⁸ porém que, contrariamente aos dois destinos de Aquiles que são alternativos, as duas Queres de Mimnermo são sucessivas. O poeta tem pois o cuidado de distinguir, numa ordem que não parece aleatória, a velhice, que vem primeiro, da morte, que vem depois. E, apesar de estarem objetivadas na mesma figura de uma Quer negra, seria equivocado, dada a explícita distinção, supor em Mimnermo uma imanência da morte à vida ou, como quer Bowra, uma consideração da própria velhice como “uma forma de morte em vida”⁹. Podemos apenas - atentos ao valor do perfeito *παρεστήκασι*, traduzido por Schmiel¹⁰ como “já estão postadas perto”, e ao contexto de descrição da juventude em que a oração aparece - sugerir que a velhice e a morte já estejam presentes na juventude sob a forma de possibilidades inexoráveis, ou melhor, como horizonte ou necessário futuro

⁷ BOWRA, 1960. p. 21.

⁸ BOWRA, 1960. p. 21.

⁹ BOWRA, 1960. p. 21.

¹⁰ SCHMIEL, 1974. p. 284.

ao qual ela inevitavelmente tende. O que, como notamos antes, quebra um pouco a rigidez da oposição entre juventude e velhice.

3. *A temporalidade da juventude*

Caberia agora examinarmos o modo de descrição da temporalidade da juventude. Começemos pelo símile e imagens vegetais contidos na primeira metade (8 primeiros versos) de Mímnermo 2W.

3a- *O símile das folhas*

O símile das folhas em Mímnermo 2W tem sido quase inevitavelmente associado a uma outra e primeira ocorrência em uma célebre passagem da *Ilíada*¹¹, onde Glauco, no começo de sua resposta a Diomedes, diz:

“Qual a geração das folhas, tal também a dos homens.
As folhas, umas o vento espalha no chão, outras a floresta
luxuriante faz brotar, e a seguir vem a estação da primavera;
assim a geração dos homens: uma brota, a outra cessa.”

O primeiro verso desta passagem foi citado literalmente por Simônides na elegia 8W. Mímnermo faz, quando muito, uma alusão em que alguns elementos da passagem homérica reaparecem: “as folhas” (φύλλα), o “brotar” (φύει) e a “estação da primavera” (ἔαρος ὥρη). Mas antes de comentar a diferença das perspectivas temporais, talvez fosse conveniente contextualizar a passagem homérica, tal como o fez C. M. Dawson. “Em *Il.*6.123ss. o grego Diomedes perguntou a seu oponente, Glauco, quem ele era. Diomedes tinha boas razões para ser cauteloso: ele tinha sido aconselhado desde o princípio a não entrar em luta com deuses em uma batalha; Apolo lhe havia ensinado uma lição: desconfiar dos grandes deuses, apesar de Diomedes, com o encorajamento de Atena, ter se saído bem contra outros deuses, Afrodite e Ares; mas então Diomedes já tinha experimentado os deuses o bastante; ele iria ser cuidadoso. Dezesseis de seus vinte e um versos dirigidos a Glauco são dedicados ao perigo de atacar um imortal”. Segundo essa contextualização, C. M. Dawson interpretará da seguinte maneira o começo da resposta de Glauco: “Eu não sou imortal; eu sou tão perecível quanto as folhas das árvores. Especificamente ele continua a dizer, ‘eu sou um descendente de

¹¹ HOMERO, *Ilíada*, VI, 146-149.

Sísifo...?’¹². É contra o fundo da imortalidade divina que a perecibilidade das folhas e dos homens irá se destacar. Pois os deuses podem ser eternamente os mesmos, enquanto homens, animais e vegetais só participam da imortalidade através da reprodução. O que continua a existir é não o indivíduo que se reproduz e morre mas apenas a espécie. Uma geração de homens morre, outra nasce.

Mimnermo também parece ciente desta forma modesta e biológica de imortalidade. Pois um dos males da velhice descritos neste mesmo poema é justamente a ausência de filhos, ausência que desperta um desejo tão intenso que atravessará a morte. Mas na comparação mimnérmica o acento já não está mais colocado na circulação incessante da vida e da morte através das gerações que se sucedem, nem na passagem e no retorno das estações (no caso, a primavera), formas incorporáveis a uma representação cíclica do tempo. A temporalidade que emerge, do seio mesmo da comparação, é a do indivíduo humano mortal. A degradação temporal dos modos de existência é evidente: da eternidade divina ao devir cíclico das estações ou à continuidade da espécie (através de gerações sucessivas) até chegar ao envelhecimento irreversível e morte definitiva do indivíduo. Podemos então nos perguntar: por que a comparação com as folhas?

Observemos, antes de mais nada, que o ponto preciso do símile é a rapidez de crescimento das folhas na primavera, rapidez semelhante à brevidade do gozo na juventude humana. Este ponto contudo não esgota a comparação. Em torno dele se articulam outras correspondências, que fazem ressoar a primeira. A primavera, com eclipse do elemento “flores”, está associada à juventude que vibra vida, prazer e erotismo. E a primavera está também associada ao sol que representa vida, assim como o estará a juventude em oposição à escuridão (“Queres negras”) da velhice e da morte.

Ampliemos agora a pergunta: por que a comparação com estes três modos de manifestação do vegetal: folhas, flores e fruto (que ao aparecerem nesta seqüência sugerem o ciclo de vida do vegetal)?

É como se Mimnermo quisesse marcar melhor sua diferença em relação a Homero através do uso de uma mesma imagem inicial porém em outro contexto e com outra intenção. Assim como através do contraste com um devir cíclico apenas sugerido, mais agudamente poderá se fazer sentir um outro tipo de devir, linear e irreversível. Pois o que o indivíduo humano tem

¹² DAWSON, 1966. p.43.

em comum com folhas, flores e fruto é a perecibilidade, sem que seja possível no entanto nenhuma espécie de renascimento, uma vez que a perspectiva não é a da árvore nem a da espécie humana. E o modo de ser temporal de folhas, flores e fruto (assim como da primavera), foco central da comparação, é a rapidez e a brevidade. A rapidez, modo da velocidade da passagem indicado pelo advérbio αἶψα, tem como correlato a avaliação quantitativa do tempo da juventude como algo de pouca duração ou breve. A brevidade é indicada ainda uma vez pela locução adverbial πῆχυιον ἐπὶ χρόνον “por curto tempo”. No quadro de um devir expansivo delineado pelos verbos φύει “faz brotar” e αὐξεται “cresce” é introduzida, através da ênfase insistente criada pelos três advérbios, a dimensão negativa da transitoriedade. E esta dimensão ganhará sua expressão mais radical na definição da duração do “fruto da juventude”, isto é, do período da colheita ou da maturidade¹³, segundo R. Schmiel. Detenhamo-nos então nesta duração: - “quanto tempo o sol se espalha sobre a terra”.

3b. *A juventude e o dia*

ὅσον τ' ἐπὶ γῆν κίδναται ἥελιος

Como observou Santo Agostinho (*Confissões*, XI, 23): “Chamamos dia não somente à demora do sol sobre a terra, pela qual se diferencia o dia e a noite, mas também, ao giro completo que o sol descreve do Oriente ao Oriente”¹⁴. Por isso a interpretação de Gerber: “por um dia somente”¹⁵ deve ser especificada no primeiro sentido lembrado por Santo Agostinho: o período de luminosidade de um dia (cf. palavra francesa *jour*), enquanto a de Campbell: “tão breve quanto o nascer do sol”¹⁶ deve ser descartada por querer ser mais radical quanto à brevidade da juventude do que o próprio texto de Mimnermo. Nem será gratuita a exclusão da noite, pois apenas o dia e sua luz podem representar, para além da sua duração, a vitalidade da juventude em contraposição à negatividade da velhice e da morte (representável pela ausência de luz).

É relativamente trivial marcar que aqui o dia é usado enquanto duração e que portanto a juventude poderia ser definida como efêmera, no sentido comum atual da palavra, e não no sentido grego arcaico de “exposto e

¹³ SCHMIEL, 1974. p. 287.

¹⁴ SANTO AGOSTINHO. 1977, p. 312.

¹⁵ SCHMIEL, 1974. p. 288.

¹⁶ SCHMIEL, 1974. p. 288.

sujeito ao dia”¹⁷ tal como definiu H.Fränkell. Talvez pudéssemos, no entanto, encontrar um outro ponto de contato entre a brevidade da juventude mimnérnica e o conceito arcaico de ἐφήμερος. H.Fränkell, em seu comentário final ao verso 95 da 8ª *Pítica* de Píndaro (“Seres de um dia! - Ἐπόμεροι - o que se é? e o que não? O homem é o sonho de uma sombra “.), concluirá: “é impossível que possa ter uma substância própria algo que muda tanto como o homem”¹⁸. Conclusão, segundo Fränkell, radicalizada por Parmênides que “demonstra com afiada lógica que o homem e seu mundo - pois nele aparentemente tudo vem e vai e transforma-se no correr do tempo - nada mais podem ser do que fantasmas vazios”¹⁹. Não há evidentemente em Mimnermo a noção de que os sucessos do dia conformam a instável e moldável natureza do homem. Mas a extrema exigüidade do prazo concedido à juventude nessa comparação atenta contra sua própria realidade, retirando-lhe qualquer substância que pudesse estar imune à rápida ação nadificante do tempo. Neste ponto Mimnermo se aproxima do Píndaro e do Parmênides de Fränkell. Só que para aquele o elemento criador da sensação de irrealidade é não mais a variabilidade dos dias e sim a espantosa fugacidade do tempo.

É em outro contexto que irá aparecer o termo “dia” em Mimnermo, mais exatamente no plural adjetivado ἡματα πάντα, “todos os dias”. Coincidentemente trata-se da tarefa diária do Sol: levar a luz, atravessando o céu com seu carro de cavalos. Esta tarefa que lhe coube é concebida negativamente como esforço ou trabalho (πόνος) não apenas porque, uma vez surgida a aurora, “não há nunca para ele e seus cavalos nenhum descanso”, mas mais precisamente por essa tarefa se repetir todos os dias. Isto é, ela não tem fim e pode ser representada no modo da circularidade. Schadewaldt viu aí um testemunho “de como Mimnermo escuta melancólico o ritmo uniforme do tempo”²⁰. Observemos porém que esse ritmo não coincide com a rapidez de passagem da juventude nem com a sugerida lentidão da velhice. E é muito pouco provável que essa cena seja uma mera projeção da experiência do tédio.

É mais simples entendê-la como a representação, objetivada no mito, de um tempo natural ou cósmico. Mas se, por outro lado, ela está marcada pela subjetividade humana que vê na repetição o tom infernal da monotonia,

¹⁷ FRÄNKEL, 1955. p. 24, 25.

¹⁸ FRÄNKEL, 1955. p. 26.

¹⁹ FRÄNKEL, 1955.

²⁰ SCHADEWALDT, 1933. p. 297

é porque de algum modo ela está sendo contraposta a outra representação, a de um tempo humano linear e irreversível cuja rapidez faz com que a juventude - o coração da vida - tenha seu prazo comparado ao de um único dia. Justamente a finitude e brevidade do tempo humano o impedem de ser confundido com a ilimitada e tediosa repetição do tempo cósmico, o que possibilita dar sentido e valor aos atos de uma vida e criar em relação ao passado o sentimento da nostalgia. Ao Sol, uma série infinita de dias iguais; ao indivíduo humano, um dia apenas para gozar a existência.

Se, todavia, fora do contexto mítico de descrição de sua tarefa diária (12W), o sol é definido duas vezes como “rápido” (11aW, 1 e 14W, 11), **ὠκέος**, podemos voltar a associar seu modo de ação ao modo temporal da juventude, retomando a similaridade que perpassa a série: sol, luz, vida, primavera e juventude, série cujas relações são exploradas nos versos iniciais de 2W.

3c. A imagem do sonho

A relação entre a fugacidade da juventude e a sensação de irrealidade ganha porém maior precisão quando o devir da juventude é comparado a um “sonho de breve duração”. Detenhamos-nos nesta imagem.

ἀλλ' ὀλιγοχρόνιον γίνεται ὥσπερ ὄναρ
ἦβη τιμήεσσά

Assinalar as relações entre o vocabulário de Mimnermo (ou de outros elegíacos) e o de Homero tornou-se desde o livro de Hudson-Williams um lugar-comum na crítica. É preciso porém proceder com cuidado. Primeiro: não as definindo como empréstimo, quando a noção de propriedade ainda está ausente. Parece pois mais conveniente pensar em um estoque comum de clichês poéticos. Segundo: perguntando-se sempre pelo funcionamento da palavra, já usada por Homero, em seu novo contexto. Essas sugestões teóricas são de C. M. Dawson, pouco depois de haver criticado a imprecisão de método de Bowra.²¹

Caberia ainda um outro e mais elementar cuidado: se há alusão a Homero, a quê em Homero há alusão? No seu comentário ao verso 4 de Mimnermo 5W, A.W. H. Adkins lembra que “ὄναρ é freqüente em Homero,

¹⁹ DAWSON, 1966. p. 42.

mas a fugacidade dos sonhos não é marcada”²². É evidente que o adjetivo ὀλιγοχρόνιον, de uso anterior desconhecido, muda aqui o valor de ὄναρ. Mas é necessário reparar também que ὄναρ ὀλιγοχρόνιον (“sonho de breve duração”) aparece, introduzido por um ὥσπερ (“como”), no interior de uma comparação. Observar portanto “que os sonhos homéricos parecem existir objetivamente”²³ não nos esclarece nada sobre este verso de Mimnermo.

Muito mais frutífero é investigar em Homero a ocorrência do sonho no interior de comparações. A citada tradicionalmente²⁴ para cotejo com esta passagem de Mimnermo é σκιῇ ἔνικελον ἢ καὶ ὄνειρῳ (*Odisséia* 11, 207) “parecido a uma sombra ou também a um sonho”, imagem que terá seus dois elementos alternativos condensados na célebre definição do humano por Píndaro (8a. *Pítica*, 96) como σκιᾶς ὄναρ, “sonho de uma sombra”. O que na *Odisséia* 11, 207 está sendo comparado a um sonho? E por que? Trata-se da ψυχὴ da mãe de Ulisses morta. Este tentou abraçá-la três vezes “e três vezes das mãos dele, de modo semelhante a uma sombra ou ainda a um sonho, ela voou”. “Pois os nervos (de um morto) não sustentam mais nem as carnes nem os ossos” (*Od.* 11, 219) ... “e a alma voeja esvoaçante como um sonho”. (ἦρτ’ ὄνειρος ἀποπταμένη, *Od.* 11, 222). A ψυχὴ é comparada a um sonho porque como ele ela é impalpável e sem substância; ela pode ser vista e ouvida mas não pode ser tocada. Ela não passa de um εἶδωλον, uma imagem, um simulacro. E mais, ela aparece repetidamente em um movimento de fuga, leve como o de um pássaro: ela escapa.

Em Mimnermo a não-substancialidade do sonho aparece definida diretamente pelo adjetivo ὀλιγοχρόνιον, literalmente “de pouco tempo” ou, interpretando a temporalidade em questão, “de breve duração”. Temporalidade co-delimitada pelo verbo γίνεταί que indica o devir, a passagem. É portanto pelo mero fato de haver passado o que passou (no caso a juventude), já impalpável porque substituído pela concretude da cena presente, que o passado é comparável a um sonho. O passado está para o sonho assim como o presente estaria para a vigília. E tomamos aqui a juventude como algo passado porque não é possível avaliar a duração de algo que ainda está se passando. A mirada portanto só pode ser retrospectiva e o espaço restante ao passado é a memória. Mas diferentemente de Safo, para quem “o poder da memória” é um recurso

²⁰ ADKINS, 1985. p. 104.

²¹ ADKINS, 1985. p. 224.

²² Cf. HUDSON-WILLIAMS, 1926. p. 94 e BYL, 1976. p. 240.

“contra a fugacidade da vida”²⁵, para Mimnermo nada há que resista à destruição do tempo. Ao marcar o fato de ser passado o passado, a lembrança pode apenas tornar patente a perda cujo objeto é, segundo Jankélévitch, “o odor insubstituível do presente e o sabor incomparável da presença, a tangibilidade do real em carne e osso”²⁶. Este autor acrescenta ainda que “os fantasmas da reminiscência não têm mais nem osso nem carne ...”²⁷. Mas nem mesmo o presente oferece estabilidade ou solidez alguma. E isso porque, assim como o presente substitui o passado, ele será por sua vez substituído pelo futuro, tornando-se então passado, numa sucessão inexorável até o fim aniquilador. Esse movimento torna também o presente - nossa única realidade - algo fantasmagórico e irreal. Pois o homem “pode apenas agarrar com mãos pressurosas o presente que, enquanto é tido agora mesmo por aquele, já era”²⁸. O presente, este ponto em fuga, em verdade é incontível e escapa das mãos como a ψυχή de Anticléia.

A brevidade é o modo temporal retrospectivamente assumido pela juventude, modo que faz duvidar do seu estatuto mesmo de realidade. A dramaticidade deste ser breve, inalterável porque já acontecido, é revelada pelo desejo de uma maior duração da juventude: ἐπὶ πλέον ὕφελεν εἶναι “devia durar mais tempo”. Como se o poeta suplicasse inconsolável por mais existência. E o que surpreende é que esse desejo nasça não da contemplação do próprio corpo envelhecendo mas da “flor prazerosa e bela dos da minha idade”. É portanto introduzida uma perspectiva de geração (“os companheiros de idade”) na usura geral do tempo e uma nota erótica mistura-se ao lamento metafísico.

A sensação do poeta ao perceber a irrealidade operada pela passagem do tempo é a de uma forte comoção manifestando-se fisicamente. A observação de A.W.H.Adkins de que “o suor em Homero escorre como uma conseqüência de esforços em batalha ou jogos, dor sentida em feridas, ou causas semelhantes”²⁹, só nos interessa na medida em que aponta para situações extremas em que há alteração de todo o ser, já que aqui o contexto é outro. E seja marcado que o que “escorre pela pele” é um suor “indizível” ἄσπετος, isto é, “indizivelmente volumoso”. A sensação transmitida é algo como a de uma violenta febre ou a de quem não consegue despertar de um pesadelo.

²⁵ FRÄNKEL, 1975. p. 211.

²⁶ JANKÉLÉVITCH, 1974. p. 26.

²⁷ JANKÉLÉVITCH, 1974. p. 26.

²⁸ SCHADEWALDT, 1933. p. 297.

²⁹ ADKINS, 1985. p. 102.

Sensação que ganha maior nitidez com a introdução da dimensão do terror, do espanto: **πτολόμῳ**, “estou aterrorizado, espantado”.

Seria equivocado porém circunscrever essa sensação aos domínios orgânico e psicológico. Pois ela envolve todo o ser em uma disposição aberta à compreensão do modo humano da temporalidade. Mais do que admiração, um susto diante da passagem irreversível. Implícita nesta está a finitude, mas neste terror está entranhada menos a angústia diante da pura mortalidade do que diante do fato inexorável do tornar-se velho. Para Mimnermo porém antes mesmo do que a morte, já o tempo, isto é: o envelhecimento, abre a perspectiva do nada, pois tornar-se velho representa perder a existência, ou mais precisamente o coração da vida: a luz breve e intensa da juventude.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADKINS, A.W.H., *Poetic Craft in the early Greek elegists*. Chicago: The University of Chicago Press, 1985.
- AUSTIN, N. Unity in Multiplicity: Homeric Modes of Thought. In:----- *Archery at the Dark of the Moon*. Los Angeles: University of Califórnia Press, 1982.
- BOWRA, C.M. *Early Greek Elegists*. Cambridge: W.Heffer and Sons, 1960.
- BYL, S. Lamentations sur la vieillesse chez Homère et les poètes lyriques des VII^{ème} et VI^{ème} siècles. *Les Études Classiques*. Paris: Namour, v. 44, 1976.
- DAWSON, C.R. SPOUDAI OGELION: Random Thoughts on Occasional Poems. *Yale Classical Studies*. 19, 1966.
- FRÄNKEL, H. EPHEMEROS als Kennwort für die menschliche Natur. In:----- *Wege und Formen frühgriechischen Denkens*. München: Verlag C.H. Beck, 1955
- FRÄNKEL, H. *Early Greek Poetry and Philosophy*. Trad. M.Hadas e J. Willis. Oxford: Basil Blackwell, 1975.
- HUDSON-WILLIAMS, T. *Early Greek Elegy*. Cardiff: University of Wales Press, 1926.
- JANKÉLÉVITCH, V. *L'irréversible et la nostalgie*. Paris: Flammarion, 1974.
- LLOYD, G.E.R. *Polarity and Analogy*. Cambridge: Cambridge University Press, 1966.
- SANTO AGOSTINHO, *Confissões*. Trad. J. Oliveira Santos e A. Ambrósio de Pina. Porto: Livraria Apostolado da Imprensa, 1977.
- SCHADEWALDT, W. Lebenszeit und Greisenalter im frühen Griechentum. *Antike* n. 9, 1933.
- SCHMIEL, R. Youth and Age: Mimnermus 1 and 2. *Revista di Filologia e di Istruzione Classica* n. 102, 1974.
- TAZELAAR, C.M. *Páides Kai Epbeboi*: Some notes on the spartan stages of youth. *Mnemosyne* v. 4, n. 20, 1967